

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: REDE MUNICIPAL DE ENSINO MARATAÍZES – ES

Nazareth Vidal da Silva¹ - Secretaria Municipal de Educação de Serra - ES
Maria José Carvalho Bento² – Grufopees/CNPq-Ufes
Franciele Dalapicola dos Santos³ – Sociedade Educacional Linnus
Marilda de Paula Furtado⁴ - Secretaria Municipal de Educação Marataízes - ES
Eixo Temático 5: Formação de Professores

RESUMO

Ao questionar como a Pesquisa-ação Colaborativo-Crítica contribui com a formação continuada de profissionais da Rede Municipal de Ensino de Marataízes – ES, para compreensão da Educação Especial na perspectiva Inclusiva, busca-se compreender o desenvolvimento e a organização de um curso para formação continuada de profissionais da educação pública, realizado no município de Marataízes - ES, sob a perspectiva da Educação Especial Inclusiva. Para tanto, adota-se a metodologia da pesquisa-ação colaborativo-crítica, que possibilita a colaboração entre pesquisadores e participantes, a compreensão da realidade, a aplicação da espiral autorreflexiva de observação, planejamento, ação e reflexão (CARR; KEMMIS, 1988), os pressupostos habermasianos do Agir Comunicativo (HABERMAS, 2012), a escuta sensível e a escrita coletiva (BARBIER, 2007). O processo formativo, oriundo da parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Marataízes-ES e a Universidade Federal do Espírito Santo, através do Grupo de Pesquisa Formação, Pesquisa-ação e Gestão em Educação Especial (Grufopees-CNPq/Ufes), contou com a participação de 40 (quarenta) cursistas (professores-regentes, especialistas e de área, pedagogos, diretores e técnicos da Semed), propiciou curso de extensão para formação continuada, certificado pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo - Proex/Ufes, em Marataízes. Observa-se no contexto formativo que os profissionais são levados a questionar e criticar suas próprias teorias e práticas, buscando transformar suas ações cotidianas a partir de estudos, diálogos e discussões em grupos, em seus lócus de atuação. A formação continuada pela via de grupos de estudo possibilita a vivência do *formar formando* e potencializa a dinâmica de transformar a prática e o profissional.

Palavras-chaves: Formação Continuada, Educação Especial, Educação Inclusiva

¹ Mestre em Ensino – newpedagoga@gmail.com

² Mestre em Ensino – zezebento56@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia - frandalapicola@gmail.com

⁴ Especialista em Linguística - marildapfurtado@hotmail.com

Palavras iniciais

A Educação Especial como modalidade da Educação é realizada visando inclusão e permanência dos estudantes público-alvo da Educação Especial - PAEE, que, conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) são aqueles estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, desdobramento da Educação que começa a ganhar força a partir de 1990 juntamente com os movimentos sociais (GOHN, 2011 *apud* CARVALHO, 2018).

Mendes (2006), aponta muitos avanços quanto à garantia do acesso desses estudantes, mas ainda perduram diversas arestas e impasses no dia a dia das escolas e municípios brasileiros. Ressalta-se que, apesar de este movimento ser visto como recente, sua história começou muito antes dos anos 90 e atravessou diversas lutas. Assim, são indispensáveis formações que busquem novas/outras práxis e movimentos locais de teor afirmativo quanto à garantia não só ao acesso desses estudantes, mas também de trabalho qualificado voltado à permanência desses sujeitos nos espaços públicos escolares (MENDES, 2010).

Todavia, Gatti (2017) reafirma que já se fala políticas de Educação Especial - EE e formação, mas essa ainda é insuficiente ou inadequada, com práticas ultrapassadas e profissionais com formações iniciais fragmentadas, “[...] currículo fragilizado e estágios curriculares com problemas em sua realização efetiva” (p.732).

No Espírito Santo, fragilidades nos processos de inclusão dos estudantes PAEE devem-se principalmente a questões relacionadas a gestão e formação continuada faltante nos municípios capixabas. Em tal cenário, o Grupo de Pesquisa Formação, Pesquisa-ação e Gestão em Educação Especial - Grufopees/CNPq-UFES), tem articulado no Espírito Santo movimentos junto aos municípios buscando compreender as demandas e necessidades nesses processos e buscar novas possibilidades de ações para a Educação Especial,

apostando na racionalidade comunicativa (HABERMAS, 2012) e no diálogo entre os participantes, pelo entendimento mútuo, procura desenvolver processos formativos que englobem a inclusão escolar, visando a superação de uma razão positivista e instrumental, pelo “caminho da reconstrução racional das interações linguísticas” (GOMES, 2007, p. 69).

Estudos do grupo (ALMEIDA, 2016, ALMEIDA; BENTO; SILVA, 2018; SILVA, 2015; VIEIRA; EFFGEN; NOGUEIRA; ALMEIDA, 2011) abordam processos formativos das secretarias municipais sem formação continuada para todos os profissionais da Educação, incluindo os gestores e os técnicos das secretarias.

A formação continuada apresentada em Marataízes, de 2017 a 2018, partiu da consulta das gestoras da Semed à Universidade Federal do Espírito Santo para constituir formações na perspectiva inclusiva abrangendo todos os profissionais da rede municipal de ensino. Este texto busca compreender o desenvolvimento e a organização de um curso para formação continuada de profissionais da educação pública, realizado no município de Marataízes - ES, sob a perspectiva da Educação Especial Inclusiva. E, ainda, na perspectiva da pesquisa-ação colaborativo-crítica promove novas concepções que podem contribuir com a escolarização do estudante público-alvo da Educação Especial.

O Curso-formação aconteceu no segundo semestre de 2018, fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação colaborativo-crítica e Teoria do Agir Comunicativo (HABERMAS, 2012), em que “[...] é preciso aproximar/dar voz aos sujeitos e fazer com que eles se reconheçam como pesquisadores” (ALMEIDA, SILVA, ALVES, 2017, p. 1110), visando movimento para formação voltado aos espaços dialógicos, em que o entendimento geral integre o processo.

Este texto organiza-se em três partes, contendo: 1) temática, justificativa e objetivo; 2) método; 3) discussão e resultado; e conclusão.

Percurso metodológico

A pesquisa qualitativa apoia-se teórica e metodologicamente em Carr & Kemmis (1988), que apostam na crítica emancipatória e na Teoria do Agir Comunicativo - com interação entre pelo menos dois sujeitos capazes de linguagem e ação (Habermas, 2012). Adota-se a pesquisa-ação colaborativo-crítica, que possibilita a colaboração entre pesquisadores e participantes em espiral de observação, planejamento, ação e reflexão (CARR & KEMMIS, 1988).

O lócus da pesquisa é o município de Marataízes, no litoral sul do Espírito Santo, a 127 quilômetros da capital, com 135.402 km². Segundo o IBGE, no Censo Populacional de 2010 o município era o maior em população no litoral sul do estado, com 34.140 habitantes. A economia do município se destaca na agricultura, com a produção de abacaxi, pesca oceânica e turismo. Possui 36 escolas, com 9.785 estudantes matriculados, dos quais 232 público-alvo da Educação Especial e 650 docentes (BRASIL, 2019).

Os participantes para o curso-formação receberam Ofício-convite enviado às escolas da rede municipal de ensino, informando: a quantidade de vagas, regulamento para participação e *site* para inscrição. O “Curso de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva”, parceria estabelecida durante pesquisa, entre o Grufopees da Ufes e a Secretaria Municipal de Educação de Marataízes, teve participação de 40 participantes de 10 escolas. Com certificação pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo - Proex/Ufes.

Figuram enquanto participantes e envolvidos como um todo no processo formativo do curso, afora os 40 profissionais da rede municipal de ensino de Marataízes (professores-regentes, especialistas e de área, pedagogos, diretores e técnicos da Semed), os mediadores dos encontros (integrantes do Grufopees e da Semed – gestora de Programas e Projetos não Governamentais, da Coordenação Pedagógica e da Educação Especial), a coordenadora do Grufopees, uma graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Ufes e duas mestrandas do Programa de Pós-graduação em Ensino, Educação Básica e formação de professores – PPGEEDUC/Ufes.

Nesse contexto, Barbier (2007) ressalta pouco importar cargo ou rótulos do participante da pesquisa, porque “[...] ele é antes de tudo um sujeito autônomo e, mais ainda, um autor de sua prática e de seu discurso” (p.19), todos têm a mesma importância para o processo formativo.

A organização do curso-formação teve a seguinte configuração: uma turma, sete encontros, 40 vagas, carga horária de 80 horas (40h presenciais e 40h não presenciais) e a apresentação final de um Projeto de Intervenção (configuraram como parte das horas não presenciais).

Os registros do curso durante todo os encontros, de setembro a dezembro de 2018, foram registrados a partir de gravador, relatórios (diários de campo) e fotografias. A análise foi feita a partir da transcrição e categorização.

As temáticas discutidas nos encontros são oriundas dos **grupos de escuta** organizados pelas Gestoras da Semed, utilizando a metodologia do grupo focal, “[...] conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (GATTI, 2005, p.7), para levantar demandas, necessidades, anseios, desejos e expectativas dos profissionais quanto à Educação Especial e à Formação Continuada do município. Gatti (2005) afirma ainda que Grupo Focal

[...] é uma técnica que permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar (p.9).

A análise do processo formativo vivido contou com os referenciais teóricos e metodológicos de Carr & Kemmis (1988), Barbier (2007), Habermas (2012) e de autores e estudos que ajudam a pensar a formação continuada dos profissionais da Educação.

O curso de Educação Especial na perspectiva inclusiva em Marataízes - ES

A pesquisa-ação crítica visa transformar tanto a prática quanto o profissional, em contraponto a outros modos de pesquisa que procuram interpretar, explicar

ou melhorar a prática (CARR, 2019). Ao buscar alcançar o objetivo deste artigo, destaca-se curso não **sobre** temáticas e modos pré-definidos, mas organizado e desenvolvido **com** os participantes.

Inicialmente, as gestoras observaram a necessidade de ofertar formação continuada, reuniram os profissionais em Grupos de escuta (Quadro 1) respaldados em conceitos bakhtinianos e na escuta sensível de Barbier (2007).

Quadro 1 – Encontros do Grupo de Escuta

Data	Quantitativo de encontros	Pauta	Participantes	Local
09/09/2017 e 14/12/2017	2	Ouvir as demandas e perspectivas dos profissionais sobre a formação continuada e a educação especial	Equipe técnica da Semed	Semed
01/12/2017	1		Diretores da rede de ensino	Auditório da Secretária de Saúde
04/12/2017	2		Pedagogos	
06/12/2017 e 07/12/2017	2		Professores especialistas	
23/04/2018 e 03/05/2018	2		Professores regentes	

Fonte: Arquivos do Grufopees/CNPq-Ufes.

Prieto (2007), sobre o planejamento dos processos formativos, propõe que “[...] necessidades elencadas pelo público-alvo, reunidas, preferencialmente, em consultas diretas aos profissionais, e atenda aos propósitos estabelecidos pelo sistema de ensino (p. 283)”. Os encontros foram preparados contemplando as necessidades apresentadas pelos profissionais nos “Grupos de Escuta” em aprofundar em estudos e reflexões, abordando questões como: a compreensão da diferença entre educação inclusiva, inclusão escolar e educação especial; a compreensão da diferença entre Atendimento Educacional Especializado - AEE, Salas de Recursos Multifuncionais – SRMs e trabalho colaborativo; o AEE nas escolas; entre outras, tendo a seguinte organização, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Encontros do Grupo Estudo-Formação

Data		Local	Pauta/Mediação
1º	14/09/18	EMEF José Marcelino	Abertura – Prof. ^a Dra. Mariangela Lima de Almeida. “Inclusão: Um movimento social”
2º	03/10/18	EMEF José Marcelino	Currículo Inclusivo - Prof. ^a Dra. Sumika Freitas
3º	10/10/18	Salão de Eventos da Pousada da Praia	Concepção e Política de Educação Inclusiva – Prof. ^a Ms. Damila Carvalho e Prof. ^a Márcia Cristina
4º	30/10/18		Práticas Pedagógicas - Prof. ^a Fernanda Nunes
5º	07/11/18		Atendimento Educacional Especializado e Trabalho colaborativo - Prof. ^a Dra. Eldimar Caetano
6º	22/11/18		Devolutiva dos projetos de intervenção - Profs. ^a Marcia Cristina, Renata Lovatti, Maria José Bento e Nazareth Silva
7º	05/12/18		Apresentação dos projetos e avaliação do curso - Mestradas Maria José Bento e Nazareth Silva

Fonte: Arquivos do Grufopees/CNPq-Ufes.

A formação foi realizada em horário de trabalho – com encontros não presenciais (Quadro 3) e presenciais (Quadro 2); apenas o primeiro durou quatro horas e foi realizado à noite.

[...] O próximo encontro será integral, oito horas. Ele vai começar às oito horas da manhã, nós teremos o intervalo do almoço e depois ficaremos até às 5h30 da tarde. Os professores da nossa rede, que trabalham de manhã e de tarde, nós poderemos colocar um substituto (Gestora, 14/09/2018).

Nos encontros temáticos, evidencia-se a formação continuada com ênfase na educação inclusiva para os profissionais da rede municipal de ensino, desafio a ser compreendido e reorganizado, visto que o AEE é realizado por instituição especializada, gerando entendimento e desenvolvimento equivocado do serviço prestado, distanciando-se, ademais, das legislações vigentes e dos direitos do estudante PAEE.

Quando eu pensei aqui em Educação Especial e quando eu vi Inclusão Escolar, a Inclusão para mim ficou mais assim: de como você tratar mesmo esse indivíduo que vem para escola precisando de apoio. Aquela pessoa que precisa. E a Educação Especial para mim, eu coloquei mais para a questão assim da formação mesmo do professor, no caso é um professor que se capacita para criar estratégias para

incluir e para acontecer essa inclusão social. Eu pensei dessa forma. Para criar estratégias, para incluir... (Cursista, 14/09/2018).

Destaca-se que as abordagens sobre questões educativas na área da Educação Especial na formação inicial são mais superficiais ou descritivas e com poucas referências às práticas pedagógicas e legislações, o que compromete as habilidades dos profissionais para a atuação na sala de aula e o trabalho colaborativo entre eles, e conseqüentemente a escolarização do estudante PAEE. Por isso, os profissionais envolvidos no processo educativo precisam contar com uma formação continuada de qualidade que atenda às exigências e cotidiano dos estudantes PAEE (CARVALHO, 2018).

A carga horária não presencial do Curso-formação se constituiu e desenvolveu na perspectiva de se trabalhar com a formação de grupos, para a partir dos estudos e leituras nos encontros presenciais, escrever propostas de intervenção, cada grupo em sua escola e/ou em sala de aula, para posterior execução e apresentação dos trabalhos em seminário aos demais participantes da formação.

Os momentos de organização e orientações para elaboração da proposta de intervenção sustentaram-se na premissa de que os sujeitos que agem comunicativamente se entendem a respeito de algo no mundo objetivo, eles se movem sempre no horizonte de seu mundo da vida (HABERMAS, 2004) e nesse movimento se transformam (CARR & KEMMIS, 1988).

[...] A gente não está aqui falando que tem que ser gráfica, que tem que gastar dinheiro, que tem que fazer daquele jeito, não! A gente está aberto aqui para discutir isso com vocês. E, pode ser de tecido, pode ser de papel, pode ser sei lá, de outra dinâmica que vocês conhecerem também, pode ser! Qual é o objetivo, gente? É da gente se comunicar, o banner comunica o nosso trabalho sobre a experiência vivida. Olha, quanto a troca é saber o que é que a outra escola fez, o que alcançou com a ação. De repente, é uma ação tão legal que você fez na sua escola que depois a gente pode ter a possibilidade de fazer na nossa. Então nós vamos nos comunicar (Gestora, 03/10/2018)!

A discussão sobre como apresentar o trabalho ressaltou e reconheceu desejos, intenções, estratégias, possibilidades dos cursistas no desenvolvimento coletivo, de modo que ao conhecer o outro conhecemos a nós mesmos (BARBIER, 2007). Assim, os cursistas se organizaram por escola e/ou

proximidade de temática a ser aplicada em seu lócus, e no seminário final da formação seis trabalhos foram apresentados, de acordo com Quadro 3:

Quadro 3 – Produções do Grupo Estudo-Formação

Título		Quantitativo	
		Escolas	cursistas
1º	Relatos de Experiências – Visão inclusiva, fazer que transforma	1	9
2º	Inclusão escolar na etapa da Educação Infantil: tabus e paradigmas	1	3
3º	Vencendo as barreiras da Educação Inclusiva no Ensino Regular	3	4
4º	Práticas culturais no contexto escolar em prol do processo de formação pessoal do discente	2	8
5º	Somos todos aprendizes dentro das nossas limitações	1	5
6º	Flexibilização do currículo na perspectiva inclusiva	1	9

Fonte: Arquivos do Grufopees/CNPq-Ufes.

Barbier (2007) nos alerta que a credibilidade da pesquisa-ação exige escrita coletiva. Seis produções coletivas assumem a materialidade dessa proposta formativa, que na avaliação de um dos cursistas toma amplitude de reconhecimento grupal, como relatado na apresentação:

[...] eu quero também parabenizar a nossa escola, o nosso grupo, por depois de horários, várias vezes, a gente ter sentado, ter colaborado e isso é muito importante e a nossa formação. O nosso tema de estudo foi baseado nisso, dessa formação em serviço. O nosso tema que fala sobre relatos de experiência, visão inclusiva, o fazer que transforma. E, como a gente foi transformado, não é gente? E quando foi proposto pela formação da Semed, de a escola desenvolver um projeto, uma aplicabilidade de projeto daquilo que a gente estava estudando, daquilo que a gente estava colaborando e aplicar esse projeto na escola foi um desafio para todos nós. Não é verdade, mesmo? É só a Maria da Glória [nome da escola] já trabalhando nessa linha de pensamento da formação em serviço, no grupo, estudando, colaborando uns com os outros, com relatos de experiência e a gente ficou muito feliz de poder compartilhar esses momentos (Cursista, 05/12/2018).

O relato corrobora com a ideia de Carr e Kemmis (1986) quando argumentam que o sucesso da investigação seria medido em termos de sua contribuição para melhorar a educação em situações concretas.

Dos 40 participantes recebemos ao final do curso 35 (trinta e cinco) avaliações, solicitadas pelas mediadoras, escritas livres sobre a formação. Dessas, apenas uma registrou que “*Esperava mais do curso*”; no entanto, ela afirma também sua necessidade de continuar a formação e diz: “[...] *quero continuar buscando...*”; tal afirmativa evidencia necessidade inerente de busca pela formação continuada na área educacional, pertinente ao desenvolvimento profissional permanente; “[...] a formação docente é uma prática educativa que necessita ser permanente por ser abrangente em seus conteúdos, complexa em seus requisitos e profunda em sua finalidade” (CARVALHO e SILVEIRA, 2018 *apud* FREIRE, 2006, p. 141).

A dinâmica adotada para analisar esse processo formativo - a pesquisa-ação - aponta que, “[...] mais do que outra pesquisa, suscita mais questões do que resolve. Ela incomoda quase sempre os poderes estabelecidos.” (BARBIER, 2007, p.144). Tal premissa é observada na fala dos cursistas quando avaliam o curso:

O curso levou-me a rever minhas práticas de ensino e aprendizagem, levando-me a buscar fortalecer um trabalho em conjunto em prol não somente dos discentes do público-alvo da Educação Especial, mais principalmente do meu eu, revigorando minha credibilidade no meu fazer e dos outros. (Informação escrita, cursista 1).

[...] trouxe para a minha experiência profissional e também pessoal algo valioso, que é o pensamento em relação ao outro e o que posso fazer para acrescentar nessa tarefa da educação. (Informação escrita, cursista 2).

E fica em nós a consciência de sermos multiplicadores. (Informação escrita, cursista 3).

Diante do exposto, podemos considerar boa a aceitação do curso pelos participantes e a necessidade de continuidade, em um movimento de atualização constante dos contextos da educação. A proposta formativa teve abordagem diferente das usuais, um processo de estudo-reflexão aberto, com diálogo de diversos temas e a possibilidade de investigar outros, “[...] o que posso fazer para acrescentar nessa tarefa da educação”, diz o cursista. Compreendemos que na avaliação o cursista “[...] é convidado a usar seu próprio julgamento prático para decidir sobre como agir” (CARR & KEMMIS, 1986, p. 155).

Observou-se que, ao compreender para desenvolver novas concepções e reflexões sobre conceitos e práticas pedagógicas, cada cursista, “[...] pesquisador de sua própria prática, transforma-a em objeto de indagação dirigido à melhoria de suas qualidades educativas” (CONTRERAS, 2012, p. 132), e que a “[...] reflexão na ação profissional não é algo pontual e rápido” (CONTRERAS, 2012, p. 121).

Concluindo a formação...

O Curso-formação possibilitou a vivência de que “[...] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2006, p. 23), e o objetivo de compreender o desenvolvimento e a organização de um curso para formação continuada de profissionais da educação pública em Marataízes, sob a perspectiva da Educação Especial Inclusiva, nos aproximou da dinâmica de transformar a prática e o profissional.

O propósito de **fazer com**, priorizando as potencialidades de cada participante da formação, fortalece a ideia de que “[...] os sujeitos participantes tenham apreendido comportamentos e atitudes no sentido de incorporarem a reflexão cotidiana, como atividade inerente ao exercício de suas práticas” (FRANCO, 2005, p. 500), inserindo a autorreflexão nessa aprendizagem, de maneira “[...] crítica e coletiva, que precisa transcender as práticas imediatas do professor e da escola, contemplando as dimensões locais, sociais, culturais, políticas e históricas (ALMEIDA, 2019, p. 127), valorizando as construções coletivas que emancipam os sujeitos.

Observamos no contexto formativo profissionais levados a questionar e criticar suas próprias teorias e práticas, buscando transformar suas ações cotidianas a partir de estudos, diálogos e discussões em grupos nos espaços escolares.

Os seis projetos apresentados pelos grupos ao final do Curso-formação, seus objetivos e abrangências, superam a proposta deste texto, por isso novas/outras possibilidades de escrita podem advir, ainda desse momento formativo.

A formação continuada em Marataízes/ES prossegue, pois no início de 2020 as gestoras retornaram à universidade para renovar a parceria...

Referências

ALMEIDA, M. L. de. Desafios e possibilidades na formação continuada de profissionais da educação: trajetória de um grupo de estudo-reflexão. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. de. (org.). **Inclusão escolar e educação especial no Brasil: entre o instituído e o instituinte**. Marília: ABPEE, v. 1. 2016. p. 169-190.

ALMEIDA, M. L. **Diálogos sobre pesquisa-ação: concepções e perspectivas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 155p.

ALMEIDA, M. L. de; BENTO, M. J. C.; SILVA, N. V. da. As contribuições da pesquisa-ação para a elaboração de políticas de formação continuada na perspectiva da inclusão escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 99, n. 252, p. 257-276, maio/ago. 2018.

ALMEIDA, M. L. de; SILVA, R. R. E.; ALVES, J. B. O grupo de estudo-reflexão na perspectiva teórico-metodológica para formação continuada: um estudo com gestores públicos de educação especial. **Política e Gestão Educacional [online]**, v. 21, p. 1098-1118, 2017.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopses estatísticas da educação básica 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 28 fev. 2020.

CARR, W.; KEMMIS, S. Una aproximación crítica a la teoría y la práctica. In: CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoría crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona: Martínez Roca, 1986. cap. 5, p. 142-166. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe.2/0104-4060-er-02-00229.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoría crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona: Martínez Roca, 1988.

CARR, W. Critical Action Research Today. **Revista Estreidiálogos**. v. 4. n. 1. julho 2019.

CARVALHO, T. C. de. **Desafios e possibilidades de um trabalho colaborativo para a formação continuada com docentes do ensino médio público**. 2018. Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/carvalho_tc_do_mar.pdf. Acesso em: 06 ago. 2020.

CARVALHO, C.V.M; SILVEIRA, H.E. **Diretrizes Curriculares Nacionais para formação docente**: em foco as alterações de 2015. Momento: diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 27, n. 2, p. 141-156, mai./ago, 2018.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANCO, M. A. S. A pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**: Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, dez. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33ª ed., São Paulo, Paz & Terra, 2006.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GATTI, B. A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, p. 333-361, Aug. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2478201100020005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 ago. 2020

GOMES, Luiz Roberto. **Educação e consenso em Habermas**. Campinas: Alínea, 2007.

HABERMAS, J. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. Trad. Paulo A. Soethe. Revisão de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. V. 1 e 2.

MENDES, E. G. Uma radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro**, v. 11, n. 33, p. 387-405, dezembro de 2006.

Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2478200600030002&lng=en&nrm=iso>. acesso em 18 de maio de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000300002>.

MENDES, E. G. “Breve histórico da educação especial no Brasil”, **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, v. 22, n. 57, mayo-agosto, 2010, pp. 93-109.

PRIETO, R. G. Professores especializados de um centro de apoio: estudo sobre saberes necessários para sua prática. *In*: JESUS, D. M. de *et al.* (org.). **Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre: Mediação /Prefeitura Municipal de Vitória /CDV/FACITEC, 2007. p. 281-294.

SILVA, N. V. da. Gestão pública e formação continuada de profissionais da Educação Especial: a SRE de Guaçuí. *In*: **Jornada de Iniciação Científica da UFES**, 2015, Vitória., **Anais** [...]. Vitória: PRPPG, 2015. v. 6. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/desc.php?id=8000. Acesso em: 28 mar. 2018.

VIEIRA, A. B.; EFFGEN, A. P. S.; NOGUEIRA, J. O.; ALMEIDA, M. L. **Formação de gestores de educação especial**: desafios e possibilidades. Cadernos Anpae, São Paulo, v. 11, 2011. p. 1-8.